



## **Estratégias de organização e gênero em sistemas apícolas** ***Organizing strategies and gender in beekeeping systems***

WOLFF, Luis Fernando<sup>1</sup>; SCHWENGBER, José Ernani<sup>1</sup>; GOMES, Gustavo Crizel<sup>1</sup>;  
GOMES, João Carlos Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Embrapa Clima Temperado, [luis.wolff@embrapa.br](mailto:luis.wolff@embrapa.br)

**Resumo** Este trabalho buscou identificar as estratégias de organização e gênero em diferentes unidades de produção familiar e comunidades tradicionais da Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Foram selecionados quatro grupos: indígenas guaranis em Barra do Ribeiro; quilombolas em Canguçu; agricultores familiares em Pelotas; e assentados da reforma agrária em Hulha Negra. Foram conduzidas treze entrevistas abertas semi estruturadas e quatro dinâmicas participativas de grupo. Cada grupo possui sua própria evolução cultural e sua distinta história no território, o que reflete em desdobramentos e enfoques específicos. Constroem estratégias de apoio mútuo e de busca de maior autonomia com participação social. Baseados no desenvolvimento endógeno e na inclusão, estão em diferentes estágios de busca por processos participativos e coletivos de gestão dos bens de produção, com homens e mulheres assumindo diferentes papéis na transição para uma equidade nas relações sociais, econômicas e de gênero.

**Palavras-chave:** mel; abelhas; mulher; agricultura familiar; comunidades tradicionais.

**Abstract:** This study aimed to identify the organizational strategies and gender issues in different family production units and traditional communities in the Southern half of Rio Grande do Sul, Brazil. Four groups were selected: Guarani Indians in Barra do Ribeiro; Afro descendent quilombolas in Canguçu; family farmers in Pelotas; and agrarian reform settlers in Hulha Negra. Thirteen semi-structured interviews and four group participatory dynamics were conducted. Each group has its own cultural evolution and distinguished history in the territory, reflecting on developments and specific approaches. They build strategies for mutual support and seeking greater autonomy with social participation. Based on endogenous development and inclusion, they are at different stages of the search for participatory processes and collective management of productive assets, with men and women taking on different roles in the transition to social, economic, and gender equity.

**Keywords:** honey; bees; woman; family farming; traditional communities.

### **Introdução**

Neste trabalho são abordados aspectos da identidade social, da importância das articulações institucionais e das questões de gênero em quatro distintos grupos de agricultores familiares e povos tradicionais em processo de desenvolvimento de sistemas agroflorestais com a presença de colmeias na Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Faz parte de uma investigação mais ampla sobre as relações dos



grupos com seus bosques e abelhas, nativas e exóticas. A integração de abelhas e de árvores nas unidades de produção tem mostrado efeitos e desdobramentos ecológicos, econômicos e sociais favoráveis aos processos de transição agroecológica (WOLFF e SEVILLA, 2013). As 'esferas produtivas domésticas' geram sabedoria e conhecimento local, onde o trabalho opera para o cuidado e manutenção da vida (HECHT, 2007; CARRASCO, 2009). No modo de produção agrícola familiar, as mulheres desempenham um papel estabilizador e central, mesmo que ignorado pela história oficial (ROCES e MONTIEL, 2010). O mesmo ocorre no setor apícola. A questão de gênero, organização e poder aparece nos grupos estudados em muitos momentos, mas em especial quanto ao reconhecimento do trabalho e ao espaço de participação.

### **Metodologia**

Foram selecionados quatro grupos de agricultores familiares entre os participantes do 'Fórum de Agricultura Familiar da Região Sul do Rio Grande do Sul', com o auxílio de membros do CAPA e da EMATER, cada grupo com sua própria evolução cultural e sua distinta história no território: - um grupo de indígenas guaranis em Barra do Ribeiro (aldeia 'Coxilha da Cruz'); - um grupo de quilombolas afrodescendentes em Canguçu (quilombo 'Cerro das Velhas'); - uma unidade de produção familiar em Pelotas (família Schiavon); e - um grupo de assentados da reforma agrária, em Hulha Negra (assentamento 'Conquista da Fronteira'). Foram conduzidas treze entrevistas abertas semi estruturadas e quatro dinâmicas participativas de grupo (DOSSA e VILCAHUAMÁN, 2001; ALBERICH *et al.*, 2009). Além dos agricultores, também foram ouvidos alguns técnicos extensionistas diretamente envolvidos no campo de estudo. O ponto comum a todos os grupos é o desenvolvimento de sistemas agroflorestais com a presença de colmeias.

### **Resultados e discussões**

Os indígenas guaranis estudados estão organizados a partir de algumas 'famílias estendidas', um chefe político e um chefe espiritual. A organização espacial interna é em parte determinada pelas relações de afinidade e consangüinidade. Cada família estendida é formada pelo casal, suas filhas, genros e netos, constituindo uma



unidade de produção e consumo típica. Entretanto, cada área de cultivo pertence às famílias elementares, ou seja, à filha e seu esposo a partir do momento que têm seu primeiro filho. Realizam trabalhos conjuntos em mutirão entre as famílias. Quanto ao mel, além da alimentação, é usado em alguns rituais religiosos, como o que nos descreveu um dos indígenas: o ritual "para saber o destino e o nome dos meninos". O mel é colocado em uma taquara comprida. Posteriormente o pajé reza suas orações e “conversa com os espíritos” para depois fazer suas interpretações. Para essa e outras práticas, inclusive medicinais, os indígenas consideram que o mel de abelhas sem ferrão, por eles chamadas de “as nossas abelhas”, é o adequado. Ao prevalecerem as relações de parentesco e filiação na organização social, os indígenas necessitam uma convivência constante e repetida entre as pessoas da aldeia em suas atividades político-sociais. Na aldeia ‘Coxilha da Cruz’, o aporte social e de trabalho das mulheres está muito presente, protagonizando a manutenção da vida e dos processos de produção, o que se repete, como destacam Pascual-Rodríguez e Herrero-López (2010), em muitos lugares do mundo e ao longo da história. Na divisão de tarefas entre homens e mulheres indígenas, normalmente não há diferencia na atribuição de responsabilidades (GRUBITS *et al.*, 2005), porém é habitual que a atuação política das mulheres na aldeia só se manifeste na ausência dos homens.

Os afrodescendentes quilombolas estudados formaram um grupo comunitário, a ‘Associação Quilombo Cerro das Velhas’ onde estão trabalhando uma articulação regional com outras comunidades quilombolas, na busca de formas próprias de organização e de representação social. De acordo com seus relatos, por meio da Associação participam em intercâmbio de experiências, oficinas e eventos, onde vendem o produto de seus artesanatos de palha de milho, de tecidos e de materiais reciclados. A Associação se converteu numa estrutura sociopolítica fundamental de instrumentalização para eles, inclusive em seu processo de auto identificação como ‘quilombolas’, ainda em elaboração. Já não trabalham mais com abelhas melíferas africanizadas, apenas com abelhas sem ferrão, argumentando que as primeiras "não gostavam deles". Seu sentimento de 'pertencimento' ao lugar onde vivem está



associado a "coisas de seus antepassados", as quais "devem preservar". Aqui aparece a 'ética do cuidado', apontada por Siliprandi (2013), García-Roces e Soler-Montiel (2010) e Carrasco (2009), ancorada em uma 'racionalidade ambiental' muito associada ao trabalho das mulheres. Além do âmbito doméstico e da produção, as quilombolas do Cerro das Velhas participam de ações governamentais dirigidas às mulheres negras (BUTTO, 2011) e de outras originadas na própria comunidade. Formaram o 'Grupo de Mulheres Sempre Unidas Venceremos', por meio do qual se organizam, dialogam, participam de oficinas e de eventos coletivos, com ênfase está nas atividades produtivas.

Entre os agricultores familiares estudados existe a clara idéia de que a participação ativa em associações comunitárias e cooperativas é uma importante forma de organização e apoio entre agricultores, possibilitando seu crescimento pessoal e sua maior autonomia como coletividade, além de ser favorável para seus ingressos e sua estabilidade econômica. De acordo com seus relatos, "com a organização, nós temos muitas vantagens, individuais e coletivas". Várias das atividades agrícolas são compartilhadas entre homens e mulheres, ou se dividem de acordo com as aptidões e interesses de cada um. Os espaços privados de produção na propriedade, assim como os espaços públicos de comercialização em feiras e eventos, são compartilhados em boa medida entre o casal, mas as atividades de manutenção da economia doméstica e dos cuidados da família estão sob responsabilidade das mulheres, mãe, avó e filha. A vida não apenas requer recursos materiais, mas depende de contextos e relações de cuidado e afeto. O mel também está conectado à 'economia de âmbito doméstico' (GARCÍA-FRÍAS, 2005), vinculado à manutenção e reprodução familiar. A maior parte do mel que colhem é consumido em casa. Apenas o restante é comercializado nas feiras, mas consideram que "atrai clientes e reforça sua credibilidade com os consumidores". Ao focarem sua produção para atender necessidades alimentares, suas e dos consumidores, passaram a estimular a diversidade produtiva e a dar valor às produções tradicionalmente desenvolvidas no âmbito doméstico.



Entre os assentados estudados, a injeção de fundos do Governo para a Reforma Agrária atingiu a economia regional e deu lugar a novos líderes locais, rompendo em parte os padrões tradicionais da atividade pastoril e das relações de poder e organização social. A cooperação política e a cooperação produtiva aparecem como dinâmicas que incidem positivamente para uma 'transição social agroecológica' onde os assentados, através de suas ações coletivas, podem desenvolver-se e romper sua histórica marginalização social e econômica. A participação das mulheres no trabalho não aparece explícita nas famílias estudadas, apesar de intensa e importante, especialmente pela sua opção pela agroindústria e pelo mel. Muitas atividades manuais na apicultura exigem atenção, higiene e qualidade na execução. Mesmo assim, o trabalho familiar doméstico também aqui declina na clássica 'invisibilidade social' das mulheres (HECHT, 2007; CARRASCO, 2009). No caso do mel, cuidados com higiene e eficácia do processamento agroindustrial são fundamentais. Tais características estão culturalmente associadas às mulheres e aos trabalhos do âmbito doméstico, mesmo entre os assentados. Consideram que nos apiários as atividades são menos cuidadosas ou delicadas, antes disso, "sujas e pesadas". O trabalho na 'sala de mel', por outro lado, "exige higiene e cuidado no detalhe", num trabalho judicioso mas intenso, no qual está envolvida toda a família, homens e mulheres, jovens e idosos.

### **Conclusões**

Nos quatro grupos estudados abundaram os relatos sobre a importância das estratégias de apoio mútuo e da busca por maior autonomia com participação social. Tratam de encontrar espaços coletivos para satisfazer suas necessidades: às vezes buscando mercado para seus méis e conhecimentos para melhorar sua gestão mantendo sua identidade, como é o caso dos assentados da reforma agrária e dos agricultores familiares estudados, outras vezes buscando articulação política, buscando reconstrução e defesa de suas estruturas e conhecimentos ancestrais, como é o caso dos indígenas guaranis e dos quilombolas estudados. Baseados no desenvolvimento endógeno e na inclusão, cada grupo vem lutando por processos participativos e coletivos de gestão dos bens de produção, onde os membros dos



grupos, homens e mulheres, assumem seus papéis de protagonismo na transição para uma equidade nas relações sociais, econômicas e de gênero. A longa e franca adesão pela Agroecologia, como observada entre os agricultores familiares, contribui para impulsionar mudanças em direção à uma melhor igualdade de gênero.

### **Referências bibliográficas:**

- ALBERICH, T., ARNAZ, L., BASAGOITI, M., BELMONTE, R., BRU, P., ESPINAR, C., GARCIA, N., HABEGGER, S., HERAS, P., HERNÁNDEZ, D., LORENZANA, C., MARTIN, P., MONTAÑES, M., VILLASANTE, T. R., TENZE, A. Metodologías participativas: manual. CIMAS: Madrid, 2009. 75 p.
- BUTTO, A. 2011. Políticas para as mulheres rurais: Autonomia e cidadania. p 11-34. In: BUTTO, A.; DANTAS, I. Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. MDA: Brasília, 2011. 192 p.
- CARRASCO, C. Mujeres, sostenibilidad y deuda social. Revista de Educación, número extraordinario p. 169-191. 2009.
- DOSSA, D., VILCAHUAMAN, L. J. M. Metodologia para levantamentos de dados em trabalhos de pesquisa ação. Embrapa Florestas: Colombo, 2001. 67p. . (Embrapa Florestas. Documentos, 57).
- GARCÍA-FRÍAS, Z. 2005. La igualdad de género y la agricultura en la época de la globalización económica. In: Land Reform, Land Settlement and Cooperatives. FAO, n. 2 p. 40-48, 2005.
- GARCÍA-ROCES, I., SOLER-MONTIEL M. Mujeres, Agroecología y Soberanía Alimentaria: reflexiones a partir del proyecto ACS-Amazônia en la comunidad Moreno Maia en el estado de Acre en Brasil. VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural ALASRU 15-19 noviembre, 2010. Porto de Galinhas, 2010.
- GRUBITS, S., DARRAULT-HARRIS, I., PEDROS, M. Mulheres indígenas: poder e tradição. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 363-372, set./dez. 2005.
- HECHT, S. B. 2007. Factories, forests, fields and family: gender and neoliberalism in extractive reserves. *Journal of Agrarian Change* 7, 3: 316–347.
- PASCUAL-RODRÍGUEZ, M., HERRERO-LÓPEZ, Y. 2010. Ecofeminismo, una propuesta para repensar el presente y construir el futuro. *Boletín ECOS* 10.
- ROCES, I. G., MONTIEL, M. S. Mujeres, Agroecología y Soberanía Alimentaria: reflexiones a partir del proyecto ACS-Amazônia en la comunidad Moreno Maia en el estado de Acre en Brasil. *Revista Investigaciones Feministas* 1. 2010.
- SILIPRANDI, E. 2013. Soberanía Alimentaria y Ecofeminismo. In Cuéllar, M., Calle, A. and Gallar, D. (ed.) Procesos hacia la soberanía alimentaria. Perspectivas y prácticas desde la agroecología política. Icaria, Barcelona.
- WOLFF, L. F.; SEVILLA-GUZMÁN, E. Sistemas apícolas como herramienta de diseño de métodos agroecológicos de desarrollo endógeno en Brasil. *Agroecología*, 7 (2): 123-132, 2013. ISSN: 1887-1941.